

# ANÁLISE DISCURSIVA DE REPRESENTAÇÕES DO TEMPO NA PUBLICIDADE DE RELÓGIOS DE PULSO

## *DISCURSIVE ANALYSIS OF REPRESENTATIONS OF TIME IN ADVERTISING FOR WRISTWATCHES*

Diego Vieira Braga<sup>1</sup>

Universidade Católica de Pelotas

Aracy Graça Ernst<sup>2</sup>

Universidade Católica de Pelotas

### RESUMO

Neste estudo, apresentamos uma análise discursiva da representação do tempo em dois anúncios publicitários de relógios de pulso veiculados em décadas diferentes (1970 e 2000) no Brasil. Com base na Análise de Discurso francesa (AD), investigamos os processos de produção desses discursos, a constituição e as relações dos sentidos em cada período. Trabalhamos a hipótese do tempo como um construto discursivo, que além de ser instituído socialmente, tem sua interpretação gerida imaginariamente. O exercício bibliográfico referenciou formas de apreensão e tratamento do tempo (Castoriadis, 1982), seus usos sociais (Harvey, 2000), e de compreender a experiência temporal na contemporaneidade (Castells, 1999). Considerou-se também seu uso disciplinar (Foucault, 2009) e na configuração das relações entre trabalho e lazer (Moreira, 2008), temas envolvidos na estratégia persuasiva dos anúncios. Estes foram analisados em forma de sequências discursivas de referência (Courtine, 2009), articulando retomadas teóricas a pressupostos que embasam os trabalhos da AD (Pêcheux, 1993, 1995; 1997; Pêcheux e Fuchs, 1993; Pêcheux e

1 Doutorando em Letras. Bolsista PROSUP/CAPES. Integrante do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD/PPGL/UCPel).

2 Doutora em Letras. Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras. Coordenadora do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD/PPGL/UCPel).

León, 2011). As análises apontaram para representações do tempo condicionadas por determinações histórico-ideológicas. Em ambos os anúncios, o relógio recebeu um investimento de significação acima da função de cômputo, sendo relacionado à sanção de durações e ritmos, enquanto que os processos discursivos, sustentando vínculos entre temporalidades específicas e desígnios como imperativos econômicos, construíram uma identificação da gestão da existência dos sujeitos com saberes pré-estabelecidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso; publicidade; tempo; representações.

#### ABSTRACT

In this study, we present a discursive analysis of the representation of time in two advertisings of wristwatches aired in different decades (1970 and 2000) in Brazil. Based on French Discourse Analysis, we investigate the production processes of these discourses, the constitution and the relationship of the senses in each period. We worked up the possibility of time as a discursive construct, which besides being socially established, its interpretation is managed imaginatively. The bibliographic exercise referred forms of apprehension and treatment of time (Castoriadis, 1982), its social uses (Harvey, 2000), and to understand the contemporary temporal experience (Castells, 1999). It was also taken into account its disciplinary use (Foucault, 2009) and the configuration of the relationship between work and leisure (Moreira, 2008), issues involved in the persuasive strategy of ads. These were analyzed in the form of discursive reference sequences (Courtine, 2009), articulating the theoretical resumption of assumptions that underlie the work of DA (Pêcheux, 1993, 1995; 1997; Pêcheux and Fuchs, 1993; Pêcheux and León, 2011). The analysis pointed to representations of time conditioned by historical-ideological determinations. In both commercials, the clock has received an investment of significance above the calculation function, being related to the sanction of durations and rhythms, while the discursive processes, sustaining links between specific temporalities and designs as economic imperatives, built an identification of management of the existence of subjects with pre-established knowledge.

**KEYWORDS:** discourse; advertising; time; representations.

## INTRODUÇÃO

O tempo sempre esteve entre os temas que mais suscitaram a reflexão humana. O presente estudo circunscreve essa reflexão a formas de representação e produção de sentido. Empreende-se uma abordagem interpretativa, que não se limita à temporalidade enquanto significação de fenômenos naturais e suas medidas de cômputo. Interessa compreender como sentidos figurativizados em relógios impregnam o cotidiano, como atravessam e estruturam conhecimentos e modos de agir.

Assim, o estudo analisa as representações do tempo em dois períodos históricos através das estratégias discursivas de anúncios publicitários de relógios de pulso, em que se acredita ser possível perceber implicações da temporalidade na organização da vida diária e das relações em sociedade, bem como nas práticas de consumo dos sujeitos.

### 1 Algumas perspectivas teóricas acerca do tempo

A partir de uma perspectiva filosófica, Cornelius Castoriadis (1982) problematiza o tempo como uma construção imaginária e elucida a importância que este adquire como elemento organizador e constituinte da ordem social. O autor pensa o tempo como componente essencial na concepção de uma sociedade sobre si própria e sobre o mundo (p. 222). O autor distingue duas dimensões de sua instituição pela sociedade, uma identitária e a outra imaginária. A primeira se relaciona à medida do tempo ou à imposição ao tempo de uma medida, que o segmenta e demarca, tal como as divisas numéricas dos calendários. A segunda, corresponde ao tempo da significação, em que está apoiada a ideia de períodos como eras e ciclos que podem ter representatividade na instituição imaginária do mundo para a sociedade considerada (p. 246).

Outra relação descrita por Castoriadis é que, para cada sociedade, há um “tempo de representar”, identitário e imaginário, instituído para a representação social dessa dimensão, e um “tempo do fazer”, indissociável daquele, e que deve ser instituído sobre marcos do tempo identitário, permitindo a instrumentalização do fazer na dimensão temporal, da ocasião e da oportunidade do agir (p. 249). Essa relação faz atentar para

a preocupação social com a forma de conceber o tempo e de agir nele, duas noções que segundo Castoriadis são necessárias para abranger a compatibilidade material das experiências de vida que estão à forma do tempo. Em outras palavras, é preciso que haja instituição social de uma demarcação comum ou coletiva do tempo. Esse é um motivo importante para demonstrar como a descrição ou a análise das práticas de uma sociedade é inseparável da descrição de sua temporalidade, pois esta é das suas instituições mais próprias.

A perspectiva teórica apresentada por David Harvey (2000) aponta o tempo como uma categoria básica da existência humana, vinculada às mudanças culturais e processos político-econômicos. Para o autor, a ideia de um sentido único e objetivo de tempo não é suficiente para apreender a diversidade de concepções e percepções individuais e coletivas a respeito da temporalidade, muito menos conceber as diferentes interpretações como variações de um sentido instituído por ciências naturais, pois até estudiosos divergem sobre a temática.

Para o autor é preciso reconhecer a multiplicidade das qualidades objetivas que o tempo pode exprimir e o papel das práticas humanas em sua construção, os “processos materiais”, que servem à reprodução da vida social (p. 189). Deve-se compreender que “cada modo de produção ou formação social comporta uma série de práticas e concepções espaciais e temporais, as quais estão arraigadas nos processos de reprodução e de transformação das relações sociais” (p. 201). Um exemplo surge do vínculo entre tempo e circulação do capital.

Segundo Harvey, a lógica capitalista persegue a redução dos tempos de produção e de circulação da troca, que formam o “tempo de giro do capital” (p. 209). Embora pareça restrita a um terreno de competitividade mercadológica, essa é uma noção que tem consequências para outras dimensões da vida social. Isso porque a aceleração no tempo de vida útil dos produtos impulsiona também o ritmo de consumo, não somente em termos de produtos, mas também em uma gama de estilos de vida e atividades. O impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas afeta não somente o equilíbrio do poder de classe como também a vida social e cultural, situação que denomina “condição pós-moderna” (p. 257). Como os ciclos de produção e consumo estão cada vez mais rápidos, acentuam-se

sensações como a volatilidade e a efemeridade, tamanha a propensão de formas e pensamentos caírem em desuso e serem rapidamente substituídos, consolidando um irrefreável gosto pelo novo quanto a “modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias, ideologias, valores e práticas estabelecidas” (p. 258). Tal cenário remete ao fluir que escapa ao controle humano e forma uma espécie de “terror do tempo” (p. 288). Dada a insegurança da dinâmica temporal, o sujeito cria mecanismos de defesa, busca administrá-la.

Em sua perspectiva sociológica, Manuel Castells (1999) entende que o espaço e o tempo, sob condições determinadas pelas relações de produção, poder e experiência, geram e modificam formas de sociabilidade. Segundo o autor, as relações espaciais e temporais estão no foco da revolução tecnológica deflagrada nos últimos vinte e cinco anos do século XX e que apresenta a informação como matéria base de análise. Com a passagem para o paradigma da Era da Informação, explica Castells, surge uma nova cultura, onde lugares são superados e o tempo, anulado. No panorama das redes de computadores e da mídia eletrônica, todas as expressões ou são instantâneas ou não apresentam uma sequência previsível, e os valores e interesses predominantes são construídos sem referência ao passado ou ao futuro.

É um espaço de fluxos, que domina o espaço de lugares, e em um tempo intemporal, que substitui o tempo cronológico da Era industrial. Compreende-se que as mudanças nas mais diversas esferas da atividade humana têm raízes nessa nova configuração. Há efeitos também sobre o individual, de tal modo que Castells chega a caracterizar o surgimento de personalidades flexíveis. Trata-se de um estado em que há dedicação integral à reconstrução do ser, em vez de definições a partir da adaptação a comportamentos, característica convencional outrora.

Castells observa ainda que na estrutura da sociedade em rede se instala a libertação do capital em relação ao tempo e a fuga da cultura ao relógio, características facilitadas pelas novas tecnologias da informação (p. 460). Além disso, o tempo de trabalho na vida cotidiana e as tentativas de administrá-lo geram efeitos sobre como os indivíduos se sentem, divertem-se e sofrem (p. 466). Portanto, são relações que interferem não apenas na economia, mas na organização social e na vida diária. Com sequências

temporais condicionadas ao contexto de cada utilização, percebe-se a maioria das pessoas vivendo tempos individualizados.

## 2 Considerações sobre as perspectivas teóricas à luz da AD

Na reflexão filosófica de Castoriadis, compreende-se o tempo como resultado de determinações que o instituem socialmente e o constroem imaginariamente. Esta concepção reforça o princípio discursivo formulado por Pêcheux (1995) de que o sujeito interage com efeitos de sentido<sup>3</sup> que vão constituir seu imaginário (p. 183). Com a AD, pode-se questionar de que posições ideológicas falam essas determinações e analisar como se configuram. Ainda segundo o filósofo, o tempo, uma vez instituído, torna-se elemento de organização e manutenção das mesmas forças que o estabelecem.

Considera-se ingênuo pensar essa institucionalização apenas como determinação histórica necessária à organização e sustentação de práticas sociais. Apreender o tempo e registrá-lo sugere também a oportunidade de engendrar representações que visem mais do que sua demarcação coletiva. A ideologia presente no processo interfere em como as pessoas o percebem e agem segundo ele.

Diante das considerações de Harvey, compreende-se que não é possível refletir sobre o tempo, e logo dos processos que envolvem sua representação, independentemente da ação social. É necessário evocar as formas materiais (ideologias) e as condições de produção sócio-históricas para entender como ocorrem os movimentos e transformações dos sentidos sobre o tempo. Em sua relação com o materialismo histórico a AD endossa essa percepção, pois questiona um sentido idealista de tempo fornecido linguisticamente, no qual se sedimentam conhecimentos tornados absolutos a partir de quantificações objetivas.

Considerar a presença da ideologia também é importante para pensar a identidade do sujeito frente às representações temporais. Na perspectiva da AD, a identidade se relaciona à formação discursiva (FD) em que o indivíduo é interpelado em sujeito de seu discurso. Essa identificação, como explica Pêcheux (1995) é “fundadora da unidade (imaginária) do sujeito” e

---

3 Na perspectiva da AD, entende-se que o sentido, seja de uma palavra ou proposição, não existe em si mesmo, isto é, não é resultado de uma transmissão literal de conteúdos. Tendo em conta a ideologia e as diferentes condições de produção, o sentido sempre pode ser outro para quem o interpreta, o que torna mais apreciada a expressão efeitos de sentido.

se apoia em traços interdiscursivos da FD que determina seu dizer e que são sempre “re-inscritos no discurso do próprio sujeito” (p. 163). Considerando o aspecto volúvel da identidade do sujeito contemporâneo e já pensando discursivamente o que Castells designa como personalidades flexíveis, pode-se trabalhar com a ideia de contingência. Acredita-se que, formulados nas mais diversas situações, os discursos estão dispersos não apenas em uma FD, mas em tantas quantas o sujeito buscar identificação para suas práticas.

Ainda sobre a perspectiva de Castells, nota-se que a condição temporal divisada pelo sociólogo se apoia na própria negação do tempo, o que, em certa medida, sinaliza uma tentativa de libertação de um tempo administrado, interposto. Essa ponderação encontra ressonância nas conhecidas reflexões de Foucault (2009) a respeito das formas encontradas pelo poder para se institucionalizar e ser aplicado em sociedade. Pensando a partir das transformações no sistema jurídico-prisional, o autor explora novos meios de controle e vigilância a que o indivíduo está submetido, em que há a disciplina, por exemplo, de sua relação com o tempo. Este é visto também como uma construção disciplinar, em que a imposição de marcos e limites conforma experiências.

### 3 Posicionamentos metodológicos

O presente estudo se efetiva pela construção e aplicação de um dispositivo de análise, articulado a retomadas teóricas, sobre um *corpus* de arquivo. Busca-se uma leitura da representação do tempo em anúncios publicitários pela compreensão do funcionamento intra e interdiscursivo conforme três condições metodológicas lançadas por Pêcheux e León (2011).

A primeira diz que textos, frases, palavras, imagens devem ser referenciados a outros discursos, de modo a se aproximar da produção de sentido das sequências analisadas. Desse modo, nas análises, procura-se fazer remissão a possíveis discursos correlatos e subjacentes<sup>4</sup>, que podem contribuir para contextualizar sócio-historicamente a produção das sequências, indicando aspectos que justifiquem escolhas performativas que designam e ilustram o tempo.

A segunda aponta que o *corpus* que não pode ser tomado como

4 Discursos que podem ser de origens diversas (políticos, jurídicos, midiáticos etc) ou serem próprios a um lugar institucional ou a um sujeito, agente social, ocupando determinada posição.

“um reservatório homogêneo de informações ou uma justaposição de homogeneidades contrastadas” (p. 165). No presente estudo é trabalhado um *corpus* de arquivo formado dois anúncios de relógios de pulso, veiculados na revista *Veja*<sup>5</sup>. Cada um foi publicado em uma década diferente, a saber: 1970 e a primeira década do século XXI. Apesar de não se esperar uma totalidade de significações a respeito do tempo em apenas um material nem ser tomado, o discurso, como definitivo a respeito de um panorama temporal, acredita-se que se consiga compreender como se dão representações em função de pressupostos histórico-ideológicos, e até mesmo detectar rupturas ou regularidades entre os efeitos que provocam, pois o *corpus* perpassa duas épocas.

A terceira condição se refere ao estatuto de enunciado. Para os autores, o analista deve compreender que entra em contato com enunciados “parcialmente opacos ou ambíguos” que comportam “uma série de mudanças de níveis, sintaticamente recuperáveis (ao menos em parte)” (p. 166). Operacionaliza-se essa noção articulando com as distinções feitas por Courtine (2009). Para esse autor, os enunciados, quando grafados por um [E], referem-se aos elementos do saber próprios a uma FD. Já a grafia [e] designa uma formulação, isto é, uma sequência linguística<sup>6</sup> (de dimensão sintagmática inferior, igual ou superior a uma frase) que é uma reformulação de [E] no seio de uma rede de reformulações possíveis de dada FD, que se representa R[e] (p. 100-101). Por meio dessas notações, e acrescentando [er] para indicar especificamente as formulações de referência<sup>7</sup> da análise,

5 A escolha de *Veja* como meio de obtenção dos materiais para a análise levou em consideração ser este um periódico que, por ser mais abrangente em termos de segmentação de público, apresenta, teoricamente, menos influência sobre a construção dos anúncios veiculados do que outros que se dedicam a uma audiência ou temas específicos, como por exemplo, revistas femininas, esportivas etc. Também foram considerados seu tempo de existência, sua grande circulação no país, ter como anunciantes marcas do produto relacionado ao tema da pesquisa e também a facilidade de acesso ao acervo integral da revista, pois todas as edições são digitalizadas e se encontram disponíveis para consulta na Internet.

6 Ou uma seção imagética, conforme Quevedo (2012) ao empreender um exercício de interpretação da imagem com base nos pressupostos teóricos da AD. O autor compreende a imagem no entrelaçamento da materialidade visual, das formações imaginárias e do trabalho discursivo de leitura, e distingue sequência discursiva de seção discursiva, justificando que essa última designação supera a linearidade de leitura implicada pelo termo “sequência”, contraproducente ao se pensar a imagem, e também porque se referencia o gesto do analista frente à imagem que ao discriminar os elementos constituintes “secciona a imagem em partes que julga relevantes destacar” (p. 140).

7 Tanto verbais quanto visuais.



espera-se discernir a presença intradiscursiva da forma ou esquema geral que “governa a repetibilidade” no interior da FD que domina a sequência em análise (p. 100). Este é o modo encontrado para se atender à posição de Pêcheux e León e, ao mesmo tempo, realizar uma dessuperficialização<sup>8</sup>, linguística e imagética, no domínio discursivo do *corpus* de forma a compreender seu funcionamento.

#### 4 Análise de anúncio publicado na década de 1970

O primeiro anúncio selecionado pertence à marca Orient.



Imagem 1: Anúncio anos 1970. Publicado na revista Veja, edição de 28 de março de 1973, na página 53. Fonte: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 25 ago. 2012

8 Conforme Pêcheux & Fuchs (1993), é o processo que resulta na “transformação da superfície linguística de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, em um objeto linguisticamente dessuperficializado, produzido por uma análise linguística que visa a anular a ilusão de realidade que se produz na falsa correspondência entre palavras e pensamentos em relação ao mundo exterior” (Pêcheux & Fuchs, 1993, p. 177).

A seguir, assinala-se as sequências/secções discursivas de referência [sdr], sendo extraídas [er] para a análise.

[er<sub>1</sub>] *Um relógio para quem não pode parar.* [er<sub>2</sub>] *Um dos gestos que você mais repete, o dia inteiro: ver a hora.* [er<sub>3</sub>] *A hora de sair e a de chegar, a do almoço e a do encontro.* [er<sub>4</sub>] *A hora presa do trabalho, a hora solta do prazer.* [er<sub>5</sub>] *E você não pára. Às vezes, nem mesmo pára para ver a hora.* [er<sub>6</sub>] *Por isso existe Orient, o relógio de Tóquio, feito para quem não pode nem quer parar no tempo.* [er<sub>7</sub>] correspondente às figuras humanas; [er<sub>8</sub>] correspondente ao efeito técnico-visual produzido sobre [er<sub>7</sub>];

Em [er<sub>1</sub>] é feita a afirmação de que o produto se destina a ser adquirido e usado por um público que “não pode parar”. A forma negativa presente em [er<sub>1</sub>], “não pode”, traz em si uma memória de discursos de alerta e de proibição, que são instituídos na (e instituem a) vida dos sujeitos, primeiro em âmbito familiar, depois no social, notadamente pelas formas jurídicas. O verbo “parar”, empregado no modo infinitivo, conecta a negativa anterior a uma perspectiva de movimento. O efeito de sentido apresentado trata da impossibilidade dos sujeitos, para os quais o relógio é indicado, não continuarem em movimento. Interpreta-se a necessidade de prossecução nas atividades da vida diária frente à inexorável marcha do tempo. O [E] da FD que comanda a sdr pode ser entendido como um saber comprometido com a observância e a obediência à passagem temporal, existindo historicamente pela subserviência ao tempo. A discursividade de [er<sub>1</sub>] remete a imposições e constata a obrigação do sujeito com o tempo.

A [er<sub>2</sub>] apresenta uma série de projeções, com marcas intradiscursivas relacionadas ao tempo (*dia inteiro, a hora*). O uso do termo *gestos*, qualificado como repetitivo, pode ser interpretado como uma ação quase que automática. Discursivamente, gesto é compreendido como “ato no nível do simbólico” (Pêcheux, 1993), o que permite ver que a proposição fala à rotina de forma a articular um significado temporal às práticas cotidianas, percebidas como muitas já que ocorrem repetidamente em um mesmo período. As relações de sentido prefiguram coordenação, sincronização, mas também submissão do sujeito ao saber da FD.

O automatismo fica enfatizado em [er<sub>3</sub>], sendo que *a hora*, enquanto marca discursiva referente à temporalidade, é o determinante comum aos mais diferentes compromissos sociais (*sair, chegar, almoço, encontro*), pois

todos reparam a necessidade de se estar em conformidade com convenções horárias sempre pré-estabelecidas, daí a repetição gestual (simbólica) de [er<sub>2</sub>]. Nesse tipo de representação, salienta-se a regularidade e a previsibilidade que deve ser obtida pelo sujeito, sendo que o que se efetiva é a gestão cotidiana de sua existência e das decisões da vida social e afetiva (Pêcheux, 1997).

Em [er<sub>4</sub>], atenta-se para uma dicotomização do cotidiano em hora do trabalho e hora do prazer, sendo que a primeira é qualificada como *presa* e a segunda como *solta*. Percebe-se como a representação do tempo no discurso do anúncio está engajada historicamente pelas determinações do modo de produção predominante e das relações de classe no interior da formação social em que é produzido. Como explicado por Harvey (2000), cada modo de produção ou formação social comporta concepções temporais específicas. A memória que se atualiza nos adjetivos *presa* e *solta* é a mesma que vem constituir, além de sustentar interpretações, em processos discursivos que relacionam pares como trabalho e lazer, vida profissional e vida pessoal, patrão e empregado etc. O funcionamento imaginário de [er<sub>4</sub>] mascara a fonte material do sentido do processo pela admissão consensual de que o trabalho corresponde a uma temporalidade prefixada enquanto o prazer sugere uma outra relação, mais flexível. Porém, mesmo *a hora solta do prazer* é afetada pela historicidade reguladora do trecho precedente e de toda a sdr, pois sobre ela incidem os mesmos saberes determinativos que fazem com que, por exemplo, seja condenável o atraso para “o encontro” descrito em [er<sub>3</sub>] ou que seja lembrado que *a hora solta* está limitada entre o fim e o início de outra *hora presa*.

Em [er<sub>5</sub>] o manejo intradiscursivo, mantendo o compromisso com o [E] que governa a sdr, acentua a representação de uma temporalidade veloz, com efeitos de sentido que demonstram o nível de dependência e de exigência para com a hora. Outro efeito de sentido se relaciona a processos econômicos. Trata-se de compreender que até mesmo durante o gesto de ver a hora pode estar ocorrendo perda de uma parcela de tempo (irrisória, mas simbolicamente substancial) que deveria estar sendo empenhada para a realização de atividades pendentes. É pertinente, portanto, resgatar um pouco mais da clássica formulação de Benjamin Franklin que está subjacente no discurso analisado: “Lembra-te que o tempo é dinheiro... (...) nada é mais

útil a um moço que pretende *progredir* no mundo que a *pontualidade* e a *retidão* em todos os negócios” (Franklin *apud* Weber, p.42-44, 2004) [grifos nossos]. Essa citação leva o sociólogo Max Weber a apontar Franklin como um dos precursores do “espírito” capitalista. Ser pontual significa ser tão veloz quanto o próprio tempo, sendo que este já se encontra administrado em função da intensificação da produtividade. O ganho quantitativo (minutos, horas, dias) deve significar aumento de produtividade e, por certo, de rentabilidade.

E, para se atingir a capacidade produtiva esperada, faz-se necessária a disciplina, justificando as palavras de Foucault ao entender que o corpo, nesse sistema, deve ser “tanto mais obediente quanto é mais útil” (p. 127). Em [er<sub>6</sub>] toda a produção de sentidos vista até então legítima o produto frente ao “terror do tempo” (Harvey, 2000, p. 288). O relógio de pulso, destinado à medição, torna-se símbolo de uma possível segurança na dinâmica temporal.

Quanto à materialidade imagética, foi seccionada [er<sub>7</sub>] por apresentar as figuras humanas que parecem “ilustrar” um modo de agir dos sujeitos perante o tempo representado no anúncio. Pela flexão de joelhos e cotovelos, esvoaçar dos cabelos e roupas, deduz-se que tanto o homem quanto a mulher estão em movimento. Tornada inequívoca, a ação de correr funciona na cadeia significativa em aliança com os dizeres das outras [er] e em conformidade com o saber de [E] que predomina também sobre a produção da leitura das imagens. Materializa-se em [er<sub>7</sub>] uma imagem representante do imaginário (QUEVEDO, 2012) de sujeitos submetidos ao regime de aceleração, que não podem parar, necessitando correr para cumprir obrigações. Inclusive, o tempo pode ser visto menos como marco de orientação e mais como perseguidor.

A [er<sub>8</sub>] corresponde ao efeito<sup>9</sup> técnico visual produzido sobre [er<sub>8</sub>], conferindo à composição uma ideia de velocidade. Como também as figuras do homem e da mulher estão distorcidas, indica-se que a eles também se aplica os efeitos de velocidade ou, dito de outro modo, sobre

---

<sup>9</sup> Tal efeito, nomeado comumente de *motion blur*, pode ser obtido pela longa exposição em uma câmara fotográfica ou em software de tratamento da imagem como o Photoshop. Trata-se de uma noção de velocidade que é passada em uma fotografia através de partes borradas na imagem, preservando a nitidez de determinados objetos. Pela parte borrada se atribui impressão de movimento ao objeto.

seus corpos incide a aceleração temporal. Entende-se que, além de reforçar a vulnerabilidade dos sujeitos a esse regime, o desfoque propicia interpretá-la pela presentificação do ritmo de vida experienciado, um sentido de compressão, como explicado por Harvey (2000, p. 219). Enfatiza-se a pressa, mas, também, a fuga do que oprime.

## 5 Análise de anúncio publicado na década de 2000

O segundo anúncio selecionado pertence à marca Technos.



Imagem 2: Anúncio anos 2000. Publicado na revista Veja, edição de 10 de agosto de 2005, na página 25. Fonte: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 15 out. 2012

Como no anterior, assinalam-se as seqüências/secções discursivas de referência [sdr] e são extraídas [er] para análise.

[er<sub>1</sub>] *Technos. O relógio que o Murilo Benício usa quando é só o Murilo.* [er<sub>2</sub>] a figura humana. [er<sub>3</sub>] a cena em que se encontra [er<sub>2</sub>] e a respectiva ação sugerida.

Em [er<sub>1</sub>], designa-se a marca, relacionando o produto ao uso específico

descrito na asserção seguinte. Justifica-se o verbo “usar” pelo discurso ao qual alude, o jornalístico, especificamente o da imprensa especializada na cobertura de fatos do cotidiano de pessoas famosas, que vincula [er<sub>2</sub>] ao produto como se fosse uma confissão ou uma revelação sobre a vida particular de uma celebridade. Essa interpretação é autorizada pressupondo o conhecimento de que, em [er<sub>2</sub>], a figura retratada é Murilo Benício, famoso ator brasileiro, portanto um potencial destaque nos discursos da publicação que referencia a sdr.

Em [er<sub>1</sub>] a conjunção “quando” funciona indicando o momento em que o relógio é usado, nesse caso em uma determinada situação particular. Por em [er<sub>2</sub>] ser evocada uma memória histórica ligada ao ofício do ator, aquele que interpreta personagens, que sabe (dis)simular, representar, pôr-se na “pele” de um outro alguém, discursivamente, entende-se que ele usa o produto em ocasiões em que essa posição, que é pública, não precisa ser sustentada ou, dito de outro modo, quando não está sendo outra pessoa, neste caso, por conta de sua profissão. Isso é reforçado pela presença de um “só” na sequência da formulação. Funcionando como advérbio, essa partícula caracteriza o momento de uso do produto e também como o sujeito se mostra em tal circunstância. Equivalendo a “somente” ou “apenas”, incide sobre o verbo “ser”, flexionado, e também sobre o sintagma “o Murilo”, demarcando-o de forma excludente. Considerando a presença do artigo definido “o”, afirma-se uma pretensa verdadeira identidade do sujeito, que estaria materializada em [er<sub>2</sub>].

Diante de uma profusão de situações em que é instado a agir, o sujeito se dispersa em múltiplas posições e, conseqüentemente, em diferentes tempos e identidades. Em [er<sub>1</sub>] a questão da identidade se presentifica na manifestação dos nomes (*Murilo Benício*, *Murilo*). O nome próprio, segundo Pêcheux (1995), designa unicidade de existência, isto é, evidencia o sujeito como sendo único. Já o sobrenome é “identificado administrativamente, por referência à filiação (legítima ou natural); e seu caráter propriamente inalienável faz com que toda mudança de nome seja assunto de discurso legal” (p. 102). Se, juridicamente, satisfaz o direito de registro previsto em lei, discursivamente, o sobrenome, acrescido do chamado nome de batismo,

identifica<sup>10</sup> o sujeito e também o individualiza<sup>11</sup>. Entretanto, sabe-se que a identificação desse sujeito consigo mesmo passa pelo saber da FD em que seu discurso se filia.

A diferença, que se pode entender como condição para o uso do relógio, de designar ora pelo nome e sobrenome ora apenas pelo primeiro, expõe, no intradiscursivo, a ideia de cisão que na verdade já o acompanha a cada tomada de posição e acontecimento discursivo em que se envolve. O anúncio indicia que o sujeito não é uno tampouco o tempo que vive. É assim que seria possível falar na temporalidade correspondente ao período que assume funções como ator, profissional, homem público, cuja designação é *Murilo Benício*, e naquela correspondente à vida íntima, como filho, marido, pai de família, que justificaria o tratamento mais informal *Murilo*.

Entende-se que o [E] da FD que governa o dizível e possível de dizer na sdr analisada é um saber ainda conectado com a observância ao tempo, mas que existe historicamente de forma contemporizada, na acepção dicionarizada deste termo, adaptada às circunstâncias e aos usos do tempo. Admite-se a possibilidade de concerto entre o que é da ordem do individual e o que é da ordem do social, entre a temporalidade da vida particular e a da profissional, entre a velocidade exigida no período de trabalho e a intensidade almejada durante o lazer. Logo será preciso adentrar outra temporalidade, com ritmo e duração específicos.

O processo discursivo do anúncio indica correspondência com a atual procura por hábitos mais seguros e valores mais duradouros, amparada pelo conhecimento da experiência de gerações anteriores já imersas na servidão

---

10 Uma identificação perceptiva, no estilo “eu vejo *esta coisa*, que vejo = eu vejo o que vejo”, e uma identificação inteligível, “sabe-se que esta coisa é X que... que corresponde a ‘sabe-se o que se sabe’” (PÉCHEUX, 1995, p. 101).

11 Ao falar em individualização, convém assinalar que o estatuto do sujeito corresponde a um processo referenciado pelo Estado. Como explica Orlandi (2005), é o Estado que individualiza a forma-sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos identitários do sujeito. Daí ser possível considerar o indivíduo um constructo e não unidade de origem na produção dos sentidos. Ainda para Orlandi, pensar esse sujeito já individualizado é refletir sobre como se constitui pelo simbólico e pela ideologia e também como o mecanismo coercitivo do Estado se impõe perante ele. (Orlandi, 2005, p. 4-6).

ao tempo, explícita, por exemplo, na análise anterior, em que a vivência tende a acontecer em limites de tempo sempre muito reduzidos. Pode-se inclusive considerar essas alterações operando em um nível macropolítico e macrosocial, conforme antevê Castells, por serem modificadas formas de sociabilidade e produzidos efeitos sobre dimensões da vida diária, seja a partir dos modos como se estrutura o tempo de trabalho ou a maneira como os indivíduos se divertem, ou seja, como aproveitam seu tempo “livre”. De fato, para Moreira (2008), a sociedade urbana contemporânea é marcada pela valorização do tempo livre, sendo que o lazer é um dos temas mais fortemente enraizados no imaginário. O lazer pode ser entendido como um tempo de descanso, em que o sujeito se encontra liberto dos automatismos e rotinas que o aborrecem e constroem (p. 179). Segundo a autora, os tempos de trabalho deixaram de ser centrais em termos de motivação, ainda que assim permaneçam na organização e na estruturação dos cotidianos.

As condições de produção do discurso do anúncio autorizam essa leitura, já que, como também distinguido por Moreira, o progresso tecnológico proporcionou ganhos significativos de produtividade, diminuindo o tempo de trabalho e, conseqüentemente, aumentando o tempo livre (p. 181). Intensificou-se a importância de um tempo de decompressão e de libertação. A [er<sub>3</sub>] retrata esse panorama, pois com a representação da prática de um esporte, pode-se interpretar a entrada do sujeito em um tempo particular. Entretanto, apesar de sugerir maior liberdade, entende-se que a sincronização com outras atividades reatualize os efeitos de controle e de disciplina do tempo vistos anteriormente.

## 6 Considerações sobre as análises

Os resultados das análises apontam para representações do tempo condicionadas por determinações histórico-ideológicas. Os processos discursivos que emergiram a partir da dessuperficialização do *corpus* se encontram ancorados nesses pressupostos, que além de constitutivos, marcam a articulação entre o tempo, a linguagem e o social. Havendo já-ditos que sustentam vínculos entre a temporalidade e desígnios outros como imperativos econômicos, constrói-se, no discurso, a identificação do sujeito com saberes pré-estabelecidos.

Os anúncios assinalam diferenças de ritmos e refletem modos pelos quais o tempo é instituído e interpretado. Identificou-se no exemplar da



década de 1970 uma ênfase discursiva voltada a um sentido de aceleração e dependência, enquanto que no anúncio dos anos 2000 o foco está mais voltado à intensidade, embora haja sustentação pela memória compartilhada do primeiro, mostrando que tal saber ainda vigora nos dias atuais.

Do manejo intradiscursivo que dotava de um caráter intimidante o tempo no primeiro anúncio analisado, passa-se a uma estratégia conciliatória, harmonizada, entre a existência dos sujeitos e as exigências determinativas. Interditam-se sintagmaticamente referências ao temor do atraso e da falha nas obrigações. Substitui-se a injunção ao tempo do trabalho para que seja louvado o tempo do lazer, entendido como aquele que a pessoa dispõe para se dedicar a si mesma e que tem ganhado relevância na sociedade contemporânea. Desvincula-se a imagem do tempo como algo que aprisiona o sujeito, porém ele ainda vê conformada sua existência, pois cada situação, cada nova posição assumida no curso diário da vida requer adaptação a temporalidades específicas, fazendo com que muitas sejam também as suas identidades.

Por isso se pode dizer que a subserviência ao tempo no anúncio dos anos 1970 transita para uma contemporização, um afinamento aos usos do tempo, no âmbito do anúncio dos anos 2000. A partir dessas observações e considerando as respectivas condições sócio-históricas, compreende-se a representação do tempo no primeiro anúncio como um *discurso intransigente*, objetivo e disciplinar, inscrito em uma FD cujas relações de sentidos mobilizam os sujeitos pela submissão à inexorável marcha do tempo; já no segundo, compreende-se que seja um *discurso transigente*, que trabalha a possibilidade, ainda que momentânea, de descontinuação do regime determinativo, concedendo ao sujeito certa autonomia sobre seu próprio tempo. O relógio continua a sugerir controle, previsibilidade e estabilidade, mas também indica melhor aproveitamento do tempo.

Este trabalho encontra, portanto, sinais de ruptura, mas também de manutenção, pois ainda se vive em uma formação social capitalista, em que o controle temporal é preponderante para o desenvolvimento das atividades produtivas. A publicidade acompanha essas movimentações, alterando seu enfoque para melhor se adaptar às mudanças. Acredita-se ter notado seu duplo papel: de testemunha e de agente, pois, ao acompanhar transformações, torna-se também canal de difusão destas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se perceber como o tempo é suscetível às modulações sintático-discursivas de suas representações, constata-se seu caráter de construto, passível de uma gestão que tende a materializar a concretude das relações sociais.

Na esteira do que foi observável por meio do dispositivo analítico, as representações do tempo intradiscursivamente superam a dimensão de cômputo e interdiscursivamente o elaboram de maneira diretiva, dissimulando definições a respeito do tempo que o sujeito vive pela figura do relógio. Este, recebendo um investimento de significação acima da função de registro e (de)marcação numérica, é relacionado à sanção de durações e ritmos, à construção de percepções individuais e coletivas.

As transformações detectadas indicam mudanças nos usos e nos valores atribuídos ao tempo, demonstrando não somente a possibilidade, mas a necessidade de se procurar compreender melhor os processos envolvidos em sua representação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MOREIRA, C. O. Tempo livre, lazer e consumo na sociedade urbana contemporânea, segundo os gêneros. In: GAMA, A.; SANTOS, N. (eds). *Lazer*. Da libertação do tempo à conquista das práticas (179-207). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *O Sujeito Discursivo Contemporâneo: um exemplo*. In: II SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2005, Porto Alegre. *Anais*. UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/CONFERENCIA/EniOrlandi.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK; T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 61-162.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel; LEÓN, Jacqueline. Análise sintática e paráfrase discursiva. In: *Análise de discurso - Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 163-173.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK; T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 163-253.

QUEVEDO, Marchiori Quadrado de. *Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos*. Um exercício de análise da imagem com base na Análise de Discurso. Dissertação. Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-graduação em Letras, Pelotas, 2012.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.